

TURISMO SOLO FEMININO: OS FATORES DE SEGURANÇA QUE INFLUENCIAM NA ESCOLHA DE DESTINOS TURÍSTICOS

Victoria Weber Kang¹

Aline Patrícia Henz²

Resumo: O turismo solo feminino tem se tornado uma prática cada vez mais comum em diversos países, impulsionado pela busca de liberdade, autoconhecimento e experiências significativas por parte das mulheres. No entanto, as viajantes ainda enfrentam barreiras sociais, culturais e questões relacionadas à segurança, que influenciam diretamente a escolha de destinos turísticos. Esse cenário é agravado em regiões onde a desigualdade de gênero e a violência contra mulheres são mais evidentes, gerando inseguranças e preocupações adicionais. O objetivo desta pesquisa é identificar os principais fatores de segurança que afetam a decisão de mulheres que viajam sozinhas, destacando os riscos percebidos e as iniciativas que contribuem para a criação de ambientes turísticos mais seguros. O estudo utilizou abordagem qualitativa com caráter exploratório, por meio da aplicação de questionários via *Google forms* direcionados às mulheres, além de uma revisão de literatura voltada à compreensão do turismo solo feminino e das questões de segurança associadas. Os dados demonstraram que preocupações como medo de assédio, violência, infraestrutura inadequada e a percepção de risco baseada em notícias e relatos de outras mulheres são fatores que restringem suas escolhas e afetam sua vivência no turismo. Além disso, identificou-se que as barreiras culturais e sociais também exercem um impacto significativo na sensação de segurança, especialmente em regiões onde a desigualdade de gênero é mais acentuada. Adicionalmente, foi possível observar que o público feminino se sente inseguro em relação ao uso de meios de transporte e na circulação nas áreas comuns em destinos turísticos, sendo que nos meios de hospedagem é onde as mulheres se sentem mais seguras.

Palavras-chave: Turismo Solo; Segurança; Mulheres; Destinos Turísticos.

INTRODUÇÃO

O turismo independente tem emergido como uma tendência crescente entre mulheres que buscam experiências significativas e autênticas, permitindo não apenas o contato com novas culturas, mas também a superação de normas sociais impostas ao gênero feminino (BAPTISTA; CARVALHO; COSTA, 2018). No entanto, a segurança ainda se apresenta como um obstáculo importante, influenciando diretamente a escolha de destinos e atividades turísticas.

Nos últimos anos, tem sido cada vez mais evidente o crescimento das viagens realizadas por mulheres, especialmente aquelas que optam por viajar sozinhas. De acordo com pesquisas realizadas pelo Ministério do Turismo, a intenção de viajar sozinha cresceu 22% em 2016, sendo que uma em cada 7 brasileiras já planejava viajar sozinha nos próximos meses. (Brasil, Ministério do Turismo, 2016). Esse aumento reflete a conquista da independência feminina no contexto das viagens, onde as mulheres se tornam protagonistas de suas próprias experiências.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato: victoria.kang06@gmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócios. Docente no curso de Turismo na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato: aline.henz@unioeste.br

A segurança, como destacam Brás e Rodrigues (2010), é um fator essencial na consolidação de um destino turístico, influenciando diretamente a demanda e a imagem do local. Em ambientes onde há uma percepção negativa sobre a segurança, o fluxo de turistas tende a diminuir consideravelmente. No contexto das viagens femininas, essa percepção de risco é potencializada por questões de gênero, como violência, assédio e discriminação (WILSON & LITTLE, 2008).

Dessa forma, a escolha de destinos por mulheres que viajam sozinhas, depende não apenas de aspectos tradicionais, como a hierarquia dos atrativos turísticos e a presença de infraestrutura, mas também de um sentimento de segurança que permita a vivência plena da experiência. Diante disso, o artigo tem como objetivo investigar a percepção de segurança de mulheres que viajam sozinhas, identificando os fatores relacionados à segurança que influenciam a escolha de destinos turísticos.

Justifica-se a escolha deste estudo pelo crescimento contínuo da prática do turismo por mulheres que optam por viajar sozinhas, como também pela necessidade de compreender as necessidades desse público. Souza (2022) aponta que, apesar do turismo ser uma atividade que promove inclusão e igualdade, ainda existem barreiras específicas enfrentadas pelas mulheres, sobretudo no que diz respeito à segurança. Assim, ao investigar os fatores que impactam a escolha de destinos pelo público feminino, espera-se contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas empresariais que garantam ambientes mais seguros e acolhedores, promovendo o turismo de modo inclusivo. A abordagem deste trabalho também se justifica pela importância econômica do turismo. Carvalho (2019) afirma que, em um cenário global cada vez mais competitivo, destinos que investem na segurança têm maior potencial de atrair turistas e fomentar a economia local.

Este artigo está estruturado em sete seções. Após esta introdução, a segunda seção examina as barreiras sociais e culturais enfrentadas por mulheres que viajam sozinhas. Na sequência, ainda enquanto fundamentação teórica, são discutidas as questões referentes ao turismo e segurança pública. A quarta seção apresenta a metodologia da pesquisa e em seguida, tem-se seção dedicada à discussão dos resultados. Posteriormente são realizados os apontamentos sobre as implicações práticas e/ou teóricas do estudo. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais e sugestões para pesquisas futuras.

BARREIRAS SOCIAIS E CULTURAIS NO TURISMO SOLO FEMININO

De acordo com informações disponibilizadas pela Operadora de Viagens CVC, 30% das viagens comercializadas pelo Brasil em 2022 foram realizadas por mulheres que optaram por

viajar sozinhas (MTUR, 2025). O número de mulheres que optam por viagens solo é crescente também em outros países, no entanto, apesar do crescimento expressivo nas últimas décadas, estas mulheres ainda enfrentam barreiras sociais e culturais significativas. Em muitos países, a presença de uma mulher desacompanhada pode ser vista com desconfiança ou até mesmo como uma violação das normas locais, aumentando os riscos de assédio ou discriminação (WILSON & LITTLE, 2008; MARZUKI *et al.*, 2012).

Para muitas mulheres, viajar sozinha é um ato de resistência às normas sociais impostas, visto que, em muitos contextos culturais, a presença feminina sem um acompanhante do gênero masculino é considerada incomum ou até inadequada (BAPTISTA *et al.*, 2018; MELO & SOEIRO, 2020). O medo é um elemento constante na experiência destas mulheres, uma vez que a "geografia do medo" é amplamente determinada por fatores de gênero (WILSON & LITTLE, 2008).

Em algumas culturas, o papel tradicional da mulher ainda está fortemente ligado ao espaço doméstico e familiar, tornando a ideia de uma mulher explorando o mundo sozinha, algo que desafia as normas culturais. Isso as deixa sujeitas a constrangimentos sociais, preconceito e hostilidade, o que caracteriza o turismo solo feminino uma experiência desafiadora em locais onde o papel das mulheres é rigidamente controlado por normas culturais (WILSON & LITTLE, 2008; MARZUKI *et al.*, 2012).

Estudos antropológicos indicam que, em algumas sociedades, a hospitalidade está condicionada ao gênero e à presença de um acompanhante masculino. Este fato reforça a ideia de que, ao viajar sozinha, a mulher não apenas está mais exposta a riscos, mas também pode ser excluída de interações sociais que normalmente fariam parte da experiência turística (ALVES, 2019; SILVA, 2023).

Historicamente, inúmeras restrições legais e culturais impediram o envolvimento das mulheres com a sociedade. Conforme explica Alves (2019), a desigualdade de gênero é um fenômeno histórico, sustentado por estruturas sociais patriarcais que limitaram a participação feminina em diferentes esferas da vida pública e privada. Desde a Revolução Industrial, quando as mulheres começaram a desempenhar papéis fora do ambiente doméstico, a busca por autonomia se intensificou.

Araújo (2020) enfatiza que as mulheres encontram obstáculos culturais que sustentam estereótipos de gênero, dificultando sua capacidade de exercer autonomia plenamente. A autora afirma que a independência feminina abrange mais do que apenas obter acesso a ambientes profissionais, está intrinsecamente conectada aos direitos de escolha e liberdade de movimento, que são elementos essenciais para a prática do turismo.

Compreender os obstáculos culturais e sociais é crucial para desenvolver políticas públicas e estratégias de marketing turístico que se concentrem na inclusão e segurança das mulheres. Ribeiro e Alves (2023) enfatizam a importância de políticas públicas que promovam a segurança e o respeito às mulheres, especialmente em contextos turísticos onde as barreiras culturais são mais evidentes. Os autores defendem uma abordagem colaborativa envolvendo órgãos governamentais e organizações dentro do setor de turismo, além de iniciativas privadas, para cultivar ambientes mais inclusivos e respeitosos.

TURISMO E A SEGURANÇA PÚBLICA

A consolidação de destinos turísticos competitivos e atraentes é significativamente influenciada pela segurança pública. Destinos com altos índices de criminalidade e violência tendem a ser preteridos pelos turistas em favor de locais que oferecem maior sensação de segurança. De acordo com Brás e Rodrigues (2010), a criminalidade afeta diretamente a procura turística, visto que a insegurança compromete a experiência dos visitantes e gera uma imagem negativa do destino. Assim, locais que não apresentam condições satisfatórias de segurança, tem sua atratividade comprometida, o que prejudica o desenvolvimento econômico local.

Carvalho (2019) ressalta que a segurança não se limita apenas à ausência de crimes, mas também envolve a percepção que os visitantes têm sobre o destino. Mesmo em regiões com baixos índices de violência, se os turistas não se sentem seguros, a demanda pode ser afetada negativamente. Em um estudo realizado pelo *World Population Review*, foram listados os países mais perigosos do mundo para as mulheres, de acordo com as categorias Segurança; Conflitos em andamento e Militarização. O resultado indicou que Yemen; Sudão; Sudão do Sul; Afeganistão; Ucrânia; República do Congo; Rússia; Syria; Israel e Mali representaram os dez países mais perigosos do mundo em 2024 (WORLD POPULATION REVIEW, 2024). É importante observar que os conflitos armados estão presentes em todos os países, o que inibe a prática do turismo, especialmente em países que possuem forte apelo turístico, como Rússia e Israel.

Estabelecer políticas de segurança voltadas especificamente ao turismo, como policiamento especializado e sistemas de monitoramento, são fundamentais para garantir a competitividade de um destino (CARVALHO, 2019). As localidades que investem em segurança não apenas atraem mais visitantes, mas também garantem o bem-estar da população local, criando um ambiente propício para o desenvolvimento econômico sustentável. A cooperação entre órgãos de segurança, gestores públicos e empreendedores do setor turístico, é imprescindível para a criação de ambientes seguros e acolhedores (BRAGGIO, 2007).

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho caracteriza-se por uma abordagem qualitativa com caráter exploratório, tendo como objetivo investigar a percepção de segurança de mulheres que viajam sozinhas e identificar os fatores relacionados à segurança que influenciam a escolha de destinos turísticos.

Para a coleta de dados, foi aplicada uma pesquisa por meio de questionários online, distribuídos via *Google Forms*, direcionados exclusivamente à mulheres que já viajaram sozinhas. Antes da aplicação definitiva, foi realizado um pré-teste do questionário entre os dias 06/02/2025 a 07/02/2025 para ajustes e validação. O questionário foi disponibilizado de 07/02/2025 a 14/02/2025, período em que foram coletadas 58 respostas válidas.

Estruturalmente, o questionário possui 21 questões³, sendo 4 perguntas abertas e 16 fechadas, com o intuito de levantar informações detalhadas sobre a percepção de segurança e os critérios considerados na escolha de destinos turísticos. No entanto, o número de respostas pode variar entre as questões, pois algumas eram condicionais e dependiam das respostas anteriores, fazendo com que nem todas as participantes respondessem a todas as perguntas. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, com a utilização de gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão serão analisados os dados coletados por meio da aplicação de questionários, que totalizou em 58 respondentes (mulheres que já viajaram sozinhas). A primeira questão se refere ao **perfil racial**, sendo possível observar uma predominância expressiva de mulheres brancas (79,3%) em relação às mulheres pardas (15,5%), negras (3,4%) e amarelas (1,7%)⁴. Esses dados podem indicar que mulheres negras, indígenas e amarelas enfrentam desafios adicionais ao viajar sozinhas, seja por questões socioeconômicas, menor acesso a oportunidades no setor turístico ou preocupações com segurança.

Quando questionadas **sobre a frequência das viagens**, 34,5% responderam que raramente viajam sozinhas; 34,5% realizam viagens uma vez ao ano; 15,5% viajam duas vezes

³ A questão "1. Qual a sua idade?", cujo objetivo era traçar o perfil etário das participantes, não possui respostas registradas nesta pesquisa. Em virtude de um problema técnico na plataforma de coleta de dados, todas as respostas dessa questão foram perdidas, impossibilitando sua inclusão na análise. Entretanto, os demais dados da pesquisa não sofreram alterações.

⁴ Nenhuma participante se identificou como indígena.

ao ano e 15,5% mais de três vezes ao ano. Esses resultados sugerem que, embora o turismo solo feminino esteja crescendo, ainda existem barreiras que limitam sua frequência.

A terceira questão se refere ao **sentimento de segurança durante viagens solo**, sendo que 53,4% afirmaram que não se sentem seguras, em contraponto à 46,6% que indicaram sensação de segurança. Quando questionadas sobre os motivos que causam insegurança durante às viagens, o medo de assédio ou violência foi indicado como principal fator de insegurança (93,5%). Este dado demonstra que ameaças à integridade física são a maior preocupação para mulheres que viajam sozinhas, influenciando diretamente suas escolhas e experiências.

Notícias sobre assaltos e agressões veiculadas na mídia foram indicadas por 58% das mulheres, o que sugere que a mídia impacta a percepção de segurança e pode desencorajar no momento da escolha do destino. Já 32,3% indicaram que relatos negativos de outras viajantes e falta de policiamento aumentam a percepção de risco. Já 29% das participantes apontaram que a falta de apoio em caso de emergência e a insegurança nos modais de transporte público são preocupações significativas. Por fim, 22,6% das respondentes mencionaram que a falta de informações sobre a segurança do destino gera insegurança. Isso sugere que a transparência na comunicação sobre segurança turística pode ser um fator que auxilia as mulheres a tomarem decisões e se sentirem confiantes sobre suas viagens.

Na sequência, 60,3% das 58 respondentes afirmaram que já evitaram viajar para algum destino por motivos de segurança, o que demonstra como a sensação de vulnerabilidade pode restringir as opções de viagem para esse público. Por outro lado, 39,7% das participantes disseram nunca ter evitado um destino por motivos de segurança. Esse grupo pode incluir mulheres que se sentem mais preparadas para lidar com possíveis riscos, que escolhem destinos já conhecidos por sua segurança ou que adotam medidas preventivas para minimizar potenciais riscos.

As 35 respondentes que evitaram viajar para um destino por questões de segurança (60,3%), responderam também **sobre os locais que optaram por se distanciar** (GRÁFICO 1). A barra horizontal do Gráfico 1 representa o número de vezes que o destino foi citado, sendo o Rio de Janeiro a localidade que obteve maior média, citado 16 vezes. A elevada frequência de menções pode indicar que se trata de um destino onde as questões de segurança são amplamente discutidas, especialmente no contexto de viagens solo. Outras regiões brasileiras, como São Paulo (SP) e Bahia (BA) também foram mencionados, embora com frequência menor.

Em contrapartida, destinos internacionais apareceram com menos frequência, mas ainda são relevantes. A Índia, Egito e Oriente Médio, por exemplo, são mencionados duas vezes cada, o que pode refletir tanto o interesse quanto às preocupações relacionadas à segurança, pois esses

destinos são conhecidos por suas normas culturais restritivas e por desafios relacionados à igualdade de gênero, consequentemente gerando maior insegurança entre as viajantes.

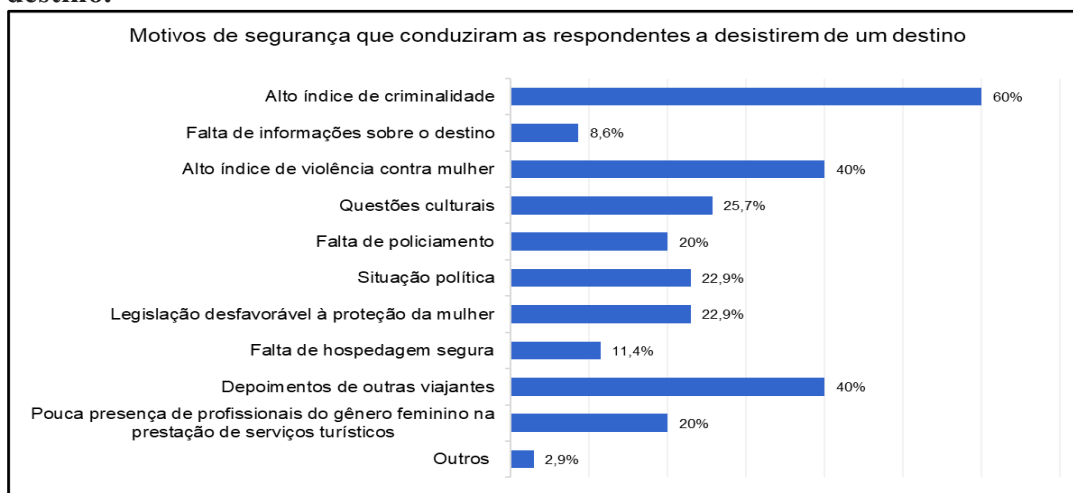
Gráfico 1 - Destinos evitados por questões relacionadas à segurança.



Fonte: própria, 2025.

No Gráfico 2 constam os resultados referentes aos motivos (de segurança) que conduziram às respondentes a desistirem de visitar um destino.

Gráfico 2 - Motivos de segurança que conduziram as respondentes a desistirem de um destino.



Fonte: própria, 2025.

As 35 respostas coletadas apontam que o alto índice de criminalidade é o principal fator que leva mulheres a desistirem de um destino turístico, citado por 60% das respondentes. Além disso, 40% das participantes mencionaram o alto índice de violência contra a mulher e

depoimentos de outras viajantes como fatores determinantes. Isso reforça a ideia de que o medo de assédio, agressões e outras formas de misoginia são fatores relevantes que limitam a liberdade de escolha destas turistas.

Outro fator relevante é o impacto das questões culturais (25,7%), assim como a situação política e legislação desfavorável à proteção da mulher (22,9%). Em alguns destinos, normas culturais podem impor restrições à liberdade feminina, resultando em desconforto ou até mesmo possíveis riscos. Além disso, a falta de policiamento e a pouca presença de profissionais do gênero feminino na prestação de serviços turísticos, ambos citados por 20% das respondentes, reforçam a necessidade de uma infraestrutura de segurança mais eficiente.

A falta de hospedagem segura (11,4%) e a falta de informações sobre o destino (8%) aparecem como fatores menos expressivos, mas ainda assim relevantes. Uma das respondentes apontou no campo “Outros” (2,9%) que visitou a Hungria durante a baixa temporada, e relatou que se sentiu constantemente observada. Apesar de não ter enfrentado situações de risco explícito, esse relato reforça a ideia de que a percepção de segurança não se restringe apenas à criminalidade ou violência física, mas também envolve sensações subjetivas de desconforto e vigilância, que podem afetar negativamente a experiência.

Referente ao meio de transporte utilizado durante as viagens, 89,7% das 58 respondentes citaram o transporte aéreo, seguido pelos transportes por aplicativo (62,1%). Ônibus intermunicipais/interestaduais (46,6%) e transporte público (46,6%) também são bastante utilizados. O transporte ferroviário (24,1%) aparece como uma alternativa menos frequente, possivelmente devido à sua disponibilidade limitada em algumas regiões. Já o táxi (10,3%), BlaBlaCar e veículos próprios indicados no campo “Outros” (3,4%) são opções pouco utilizadas, o que pode indicar preferência por transportes mais rastreáveis e acessíveis. Esses dados servem como uma estimativa para entender as escolhas de deslocamento das viajantes solo.

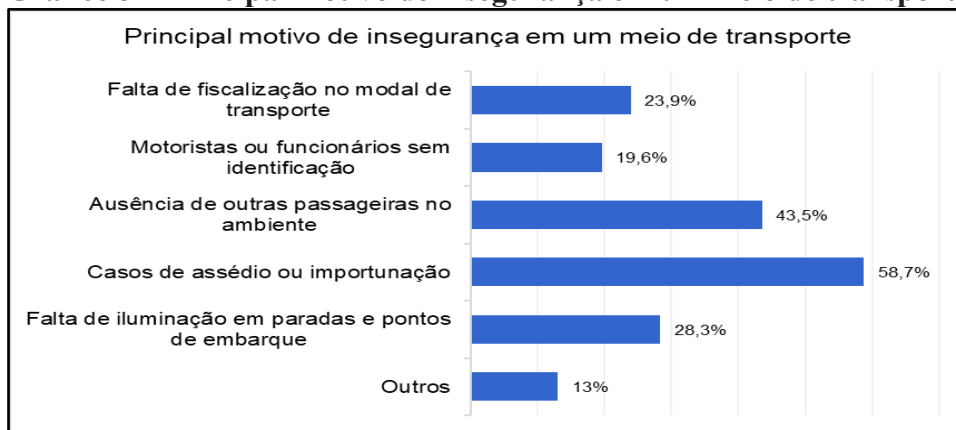
Quando questionadas sobre a insegurança em meios de transporte, 79,3% afirmaram que já se sentiram inseguras em algum meio de transporte durante uma viagem solo, enquanto 20,7% afirmaram não ter passado por essa experiência. Esse dado reforça a percepção de que os deslocamentos representam um momento de vulnerabilidade para as mulheres que viajam sozinhas.

Sobre o motivo que causou a percepção de insegurança (GRÁFICO 3), casos de assédio e importunação foi citado por 58,7% das 46 respondentes desta questão, evidenciando que a vulnerabilidade das mulheres nesses espaços não se restringe apenas a riscos de criminalidade, mas também a problemas estruturais relacionados à desigualdade de gênero.

Além disso, a ausência de outras passageiras no ambiente foi apontada por 43,5% das participantes como um fator relevante, sugerindo que a presença de outras mulheres nos espaços aumenta a sensação de segurança.

A falta de fiscalização nos transportes (23,9%) e a iluminação inadequada em paradas e pontos de embarque (28,3%) também foram indicados como problemas que ampliam a insegurança, demonstrando que a infraestrutura e a ausência de monitoramento agravam os riscos percebidos pelas viajantes. Outro ponto preocupante é a presença de motoristas ou funcionários sem identificação (19,6%), o que gera desconfiança e medo em relação à credibilidade do transporte utilizado. Por fim, no campo “Outros” (13%) foram mencionados a falta de infraestrutura rodoviária, descumprimento de regras de trânsito e furtos.

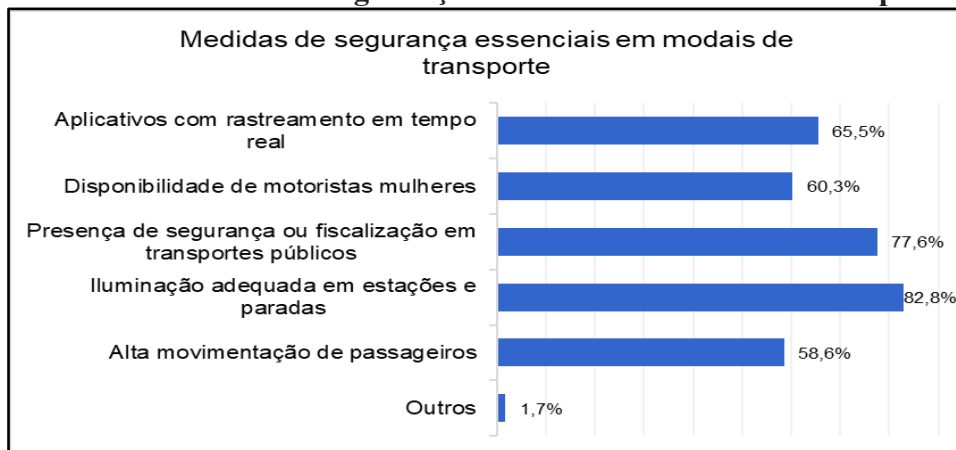
Gráfico 3 - Principal motivo de insegurança em um meio de transporte.



Fonte: Própria, 2025.

Na sequência do questionário, as 58 respondentes foram interrogadas sobre **medidas de segurança consideradas essenciais em modais de transporte**, como apresenta o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Medidas de segurança essenciais em modais de transporte.



Fonte: Própria, 2025.

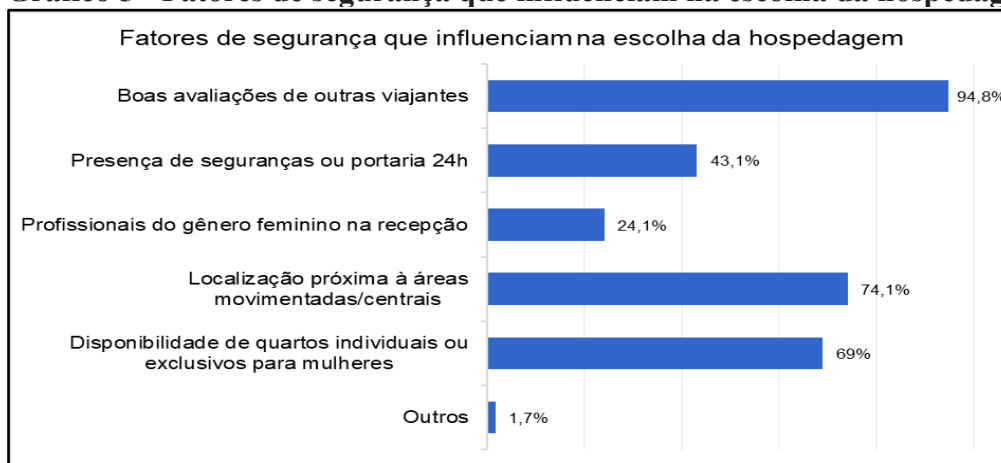
O aspecto mais citado foi a iluminação adequada em estações e paradas, apontado por 82,8% das respondentes, o que demonstra que a visibilidade do ambiente e a sensação de monitoramento são fundamentais para reduzir riscos e aumentar a confiança ao transitar por esses locais. Em seguida, a presença de segurança ou fiscalização nos transportes públicos foi mencionada por 77,6% das participantes, reforçando a necessidade de uma estrutura mais segura.

Os aplicativos com rastreamento em tempo real também aparecem como um fator relevante, sendo citados por 65,5% das entrevistadas, indicando que a possibilidade de compartilhar a localização e acompanhar o trajeto do transporte gera maior tranquilidade. Além disso, 60,3% das mulheres apontaram a disponibilidade de motoristas do gênero feminino como um elemento importante, sugerindo que muitas viajantes se sentiriam mais confortáveis em serviços de mobilidade operados por mulheres.

Outro aspecto destacado foi a alta movimentação de passageiros (58,6%), fator que pode estar relacionado à sensação de menor vulnerabilidade em ambientes com maior fluxo de pessoas, reduzindo o risco de abordagens indesejadas. Por fim, uma respondente mencionou no campo “Outros” (1,7%), que um fator que pode contribuir para a sensação de segurança seria “comprometimento dos aplicativos de transporte para com a seleção e treinamento de motoristas”.

Em relação à percepção de segurança em meios de hospedagem (GRÁFICO 5), das 58 respostas coletadas, o critério mais citado foi a avaliação de outras viajantes (94,8%), o que sugere que experiências compartilhadas por outras mulheres são essenciais para a tomada de decisão.

Gráfico 5 - Fatores de segurança que influenciam na escolha da hospedagem.



Fonte: Própria, 2025.

A localização próxima a áreas movimentadas e centrais (74,1%) também apareceu como um fator fundamental, mostrando que muitas viajantes evitam regiões isoladas, optando por locais com maior fluxo de pessoas e fácil acesso a serviços essenciais. Outro critério relevante foi a disponibilidade de quartos individuais ou exclusivos para mulheres (69%), o que demonstra a preferência por espaços que proporcionam maior privacidade e conforto. A presença de segurança ou portaria 24h (43,1%) também foi considerada importante, evidenciando que medidas de proteção adicionais contribuem para a sensação de segurança. Além disso, a presença de profissionais do gênero feminino na recepção (24,1%) foi apontado por algumas participantes como um fator positivo, sugerindo que a presença de mulheres na equipe transmite maior sensação de segurança.

Por fim, uma das respondentes mencionou no campo “Outros” (1,7%) que “a localidade deve oferecer um sistema cívico, cultural e de leis favoráveis às visitantes ou às mulheres que já vivem ali”, sugerindo que, além da estrutura física da hospedagem, o ambiente do destino também influencia na escolha da hospedagem.

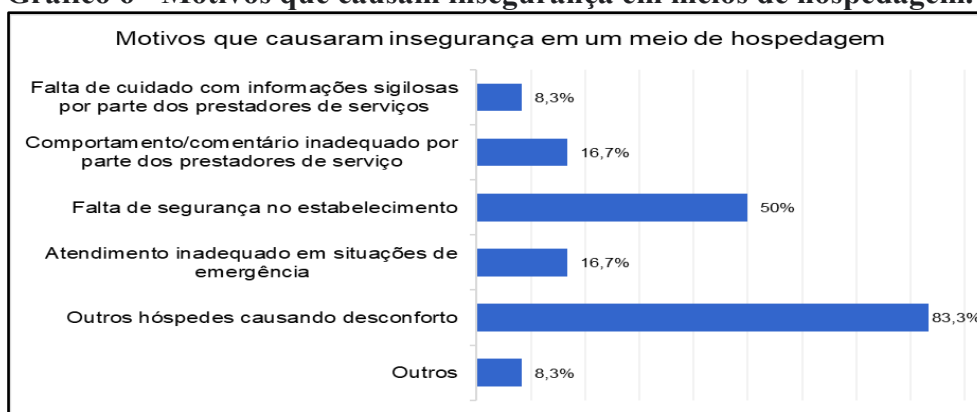
Sobre a sensação de insegurança nos meios de hospedagem, 79,3% das respondentes afirmaram que não se sentem inseguras, enquanto 20,7% já vivenciaram algum episódio que remete à insegurança nos meios de hospedagem. Esse resultado demonstra um cenário positivo, indicando que, na maioria das experiências, as mulheres conseguem se hospedar de forma segura e sem intercorrências negativas.

Essa percepção pode estar relacionada ao fato de que, dentro das acomodações, as viajantes têm maior controle sobre o ambiente, e também mais facilidade na escolha do local, já que meios de hospedagem costumam influenciar seus hóspedes a realizarem avaliações online, o que permite a viajante selecionar estabelecimentos que atendam a critérios específicos. Além disso, ao contrário de espaços públicos, onde há maior imprevisibilidade, os meios de hospedagem oferecem um ambiente delimitado, o que pode contribuir para a sensação de proteção.

Em relação aos motivos que causam insegurança em meios de hospedagem, das 12 respostas coletadas (20,7% das respostas da questão anterior), 83,3% indicaram como causa principal o comportamento inadequado de outros hóspedes, como pode ser observado no Gráfico 6. Esse dado indica que, mesmo em estabelecimentos considerados seguros, a presença de outros hóspedes pode gerar desconforto e situações indesejadas, impactando negativamente a experiência da viajante solo.

Ademais, 50% das participantes mencionaram a falta de segurança no estabelecimento como um fator preocupante, evidenciando que algumas acomodações podem não oferecer medidas adequadas de proteção, como controle de acesso e monitoramento eficiente. O atendimento inadequado em situações de emergência e comportamentos ou comentários inapropriados por parte dos prestadores de serviço também foram apontados por 16,7% das respondentes, demonstrando que a abordagem e postura da equipe da hospedagem podem influenciar diretamente a sensação de segurança das viajantes.

Gráfico 6 - Motivos que causam insegurança em meios de hospedagem.



Fonte: Própria, 2025.

Outros aspectos mencionados incluem a falta de cuidado com informações sigilosas (8,3%), o que pode gerar receio quanto à privacidade e proteção de dados pessoais. Na alternativa “Outros” (8,3%), uma respondente relatou que no Staff do hotel “só havia homens”, o que indica que a presença de profissionais mulheres pode causar maior sensação de segurança e acolhimento.

Um estudo realizado por Marzuki et al. (2012), revelou que as mulheres normalmente optam por hotéis confortáveis e limpos, que possuem trancas nas portas e com estacionamento bem iluminado. Em contrapartida, os autores explicam que os homens tendem a escolher o meio de hospedagem baseados na facilidade dos serviços, desde o momento da reserva até a hospedagem. Os autores destacam como o perfil de cada gênero apresenta demandas diferentes, sendo a segurança um aspecto que preocupa o público feminino.

Sobre os locais públicos que causam sensação de insegurança, 93,1% das respondentes declararam que ruas pouco movimentadas ou áreas sem iluminação adequada despertam insegurança. Estações de transporte público à noite foi um aspecto mencionado por 62,1% das participantes, indicando que a falta de vigilância e a presença reduzida de pessoas em horários noturnos podem aumentar o receio. Além disso, praias ou parques isolados (55,2%)

também foram apontados como locais que geram insegurança, sugerindo que espaços amplos e com baixa presença de frequentadores representam um risco maior de exposição.

Houve também duas respostas em “Outros” (3,4%), sendo que uma delas afirmou: *“Spaces where I am the only woman or by myself far from city center; places where I don't speak the language or people don't speak one of the languages I speak”*⁵, e outra que afirmou que nunca se sente segura quando está sozinha em locais públicos.

Esses relatos reforçam que a sensação de segurança não depende apenas de fatores objetivos, como policiamento e infraestrutura, mas também de aspectos subjetivos, como a presença de outras pessoas e o contexto cultural, evidenciando não somente a necessidade de melhoria estrutural do destino, mas também a importância de campanhas de conscientização sobre a violência de gênero.

No que se refere as medidas de segurança adotadas pelas mulheres como precaução, entre as 58 participantes da pesquisa, 81% revelaram que a estratégia mais adotada para segurança é evitar locais pouco movimentados. 75,9% das respondentes afirmaram que evitam sair à noite sozinhas; 72,4% compartilham a localização em tempo real com alguém de confiança; 26,2% escolhem hospedagens recomendadas por outras mulheres; 17,2% utilizam objetos de defesa pessoal (como spray de pimenta e alarme de segurança) e 15,5% colocam rastreadores nos pertences pessoais;

Na categoria “Outros” (3,4%), as participantes mencionaram garantir sempre o acesso à internet/dados móveis e pesquisar previamente aspectos culturais, histórico de violência contra mulheres e estrutura disponível para proteção, demonstrando preocupação com informação e planejamento prévio como estratégias preventivas.

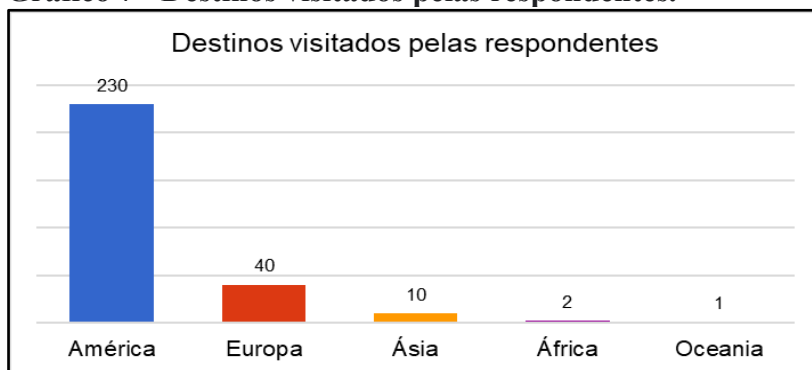
O Gráfico 7 representa a **frequência de respostas sobre os destinos visitados pelas mulheres que responderam à pesquisa**. O Brasil se destacou no continente americano, especialmente São Paulo (22 menções), Curitiba (16 menções) e Florianópolis (12 menções). A predominância de cidades nacionais sugere que muitas viajantes priorizam turismo doméstico, possivelmente por maior familiaridade cultural, facilidade no idioma e acesso à informação. Entre os destinos internacionais, Buenos Aires foi mencionado 8 vezes na América do Sul e Nova Iorque 5 vezes na América do Norte.

A presença expressiva de cidades sul-americanas, como Santiago (4 menções), Assunção (4 menções) e Montevidéu (3 menções), pode estar associada a fatores como a

⁵ “Espaços onde eu sou a única mulher ou estou sozinha longe do centro da cidade; lugares onde não falo o idioma ou as pessoas não falam um dos idiomas que eu falo.”

proximidade geográfica, menores custos de viagem e facilidades proporcionadas por acordos como o Mercosul, que permitem maior mobilidade entre os países membros sem a necessidade de visto e garantem um fluxo mais seguro de turistas. Além disso, a barreira linguística nesses destinos é reduzida, o que pode contribuir para a escolha de locais onde a comunicação é mais acessível.

Gráfico 7 - Destinos visitados pelas respondentes.



Fonte: Própria, 2025.

Na Europa, Paris e Roma foram as cidades mais mencionadas, com 3 menções cada, seguidas por Lisboa, Londres e Madri (2 menções cada). A presença desses destinos reforça a atratividade de locais amplamente reconhecidos no turismo internacional, que oferecem infraestrutura consolidada e são geralmente percebidos como seguros para viajantes individuais.

Na Ásia, os destinos se mostraram mais dispersos, com menções únicas para cidades como Tóquio, Seul e Hong Kong. A menor quantidade de menções pode estar relacionada à distância, custos mais elevados e maior dificuldade com o idioma, fatores que podem representar desafios adicionais para mulheres viajando sozinhas. A Oceania teve apenas uma menção para Brisbane, enquanto o continente africano apareceu com duas referências: Marrocos e Egito. Isso indica que, embora esses destinos tenham relevância turística global, ainda são pouco explorados pelas participantes da pesquisa, o que pode estar relacionado a fatores como barreiras culturais e violência de gênero.

Na sequência, as respondentes foram questionadas **sobre os destinos visitados (resposta anterior) em que sentiram mais seguras**⁶. Ao todo, 58 respostas foram analisadas, mas nem todas fizeram referência direta a uma cidade. Muitas respostas foram subsequentes à

⁶ Questão aberta: “Em quais desses destinos você se sentiu mais segura e por quê?”

questão anterior, o que resultou em um número menor de destinos citados em relação ao total de participantes.

No Brasil, Curitiba foi o destino mais citado (6 menções); seguido por Florianópolis (3 menções); Cascavel e Gramado (2 menções cada); além de Maceió, João Pessoa, Jaboticaba, Vale do Catimbau, Água de Lindóia, Salvador e Brasília que foram mencionadas uma vez. A predominância de destinos nacionais sugere que fatores como infraestrutura urbana, familiaridade cultural e facilidade de acesso à informação influenciam diretamente a percepção de segurança.

A presença de policiamento intensivo e fiscalização em espaços públicos foi apontada como essencial para essa sensação, especialmente em Curitiba, Gramado e Brasília. A localização da hospedagem foi outro aspecto relevante, sendo que em Florianópolis, a escolha de bairros movimentados e bem estruturados contribuiu para a segurança das viajantes. A tranquilidade de cidades menores, como Vale do Catimbau, Cascavel e Águas de Lindóia, também foi mencionada como um aspecto positivo, pois oferece maior sensação de segurança. Ademais, a receptividade dos moradores foi destacada em João Pessoa, Maceió e Gramado, reforçando que a hospitalidade local contribui para uma experiência mais segura.

No cenário internacional, Argentina, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Índia foram mencionados duas vezes cada, enquanto Marrocos, Austrália, Japão, Itália, França, Espanha, China, Uruguai e Luxemburgo foram citados uma vez cada. Este resultado pode ser observado na Figura 1.

FIGURA 1 – Países em que as respondentes se sentiram seguras.



Fonte: Própria, 2025.

A diversidade geográfica desses destinos sugere que a segurança percebida está relacionada a fatores como policiamento, infraestrutura urbana e experiências individuais.

Destinos turísticos e movimentados foram considerados mais seguros por oferecerem maior circulação de pessoas e a presença de testemunhas em diversas situações, como Nova York, Frankfurt, Londres e Paris.

Além disso, políticas de segurança e legislação rigorosas foram mencionadas como um fator determinante. Hong Kong foi citado por suas regras severas contra assédio e violência, enquanto Roma, Brasília e Gramado foram elogiadas pelo policiamento constante e fiscalização. Em Colônia de Sacramento, mesmo com pouca infraestrutura, o respeito e a cortesia dos locais garantiram tranquilidade a viajante. Nashville, por sua vez, foi associada à segurança devido à presença de hospedagens bem localizadas e com acomodações exclusivas para mulheres, com controle de acesso restrito. Outros países como Marrocos e Índia foram mencionados, apesar de serem frequentemente associados a desafios para viajantes do público feminino. Algumas participantes afirmaram que a segurança não dependia apenas do destino, mas de suas próprias precauções.

Um estudo conhecido como Women's Danger Index⁷ (ASCHER & LYRIC, 2019), apresentou os países mais perigosos do mundo para mulheres que viajam sozinhas em 2019. Os resultados indicaram, em ordem crescente, que África do Sul; Brasil; Rússia; México; Irã; República Dominicana; Egito; Marrocos; Índia e Tailândia são os países que oferecem maior risco à segurança de mulheres que optam por viagens solo. No caso do Brasil, os aspectos preocupantes se referem à insegurança para caminhar sozinha à noite; atos de violência cometidos pelos parceiros; disparidade de gênero e índice de desigualdade de gênero.

As 58 respondentes foram ainda questionadas se **consideram que os destinos turísticos estão preparados para oferecer segurança às mulheres que viajam sozinhas**. Como resultado, 67,2% responderam que depende do destino, o que sugere que a percepção de segurança pode variar conforme fatores como infraestrutura, policiamento e contexto cultural. Já 24,1% consideram que os destinos turísticos não estão preparados para garantir a segurança de quem viaja sozinha, o que pode estar associado a relatos de assédio, violência ou falta de suporte adequado. Apenas 8,6% das respondentes indicaram que os destinos estão devidamente estruturados para oferecer um ambiente seguro.

A última questão se refere às **medidas que poderiam tornar o turismo solo feminino mais seguro**, sendo os resultados apresentados na Figura 2. As respondentes indicaram que policiamento, presença de autoridades e agentes de segurança qualificados são os aspectos mais

⁷ Tradução: Índice de Perigo para as Mulheres.

mencionados. Em seguida, os dados indicam que iluminação adequada, especialmente em espaços públicos, proporcionam maior sensação de segurança.

Outro aspecto destacado foi o apoio, por meio de centrais de atendimento, serviços de emergência ou colaboradores de atrativos e meios de hospedagem. A conscientização também se mostrou um fator crucial, indicando a necessidade de campanhas educativas para conscientizar a sociedade sobre violência de gênero.

A implementação de legislações mais rígidas de crimes contra mulher, bem como sua devida aplicação, foi outra resposta recorrente, evidenciando que muitas mulheres não se sentem protegidas pelas leis atuais ou pela atuação das forças de segurança. Além disso, medidas como treinamento de profissionais do setor turístico, disponibilização de informações claras sobre segurança e criação de mecanismos de rastreamento e alerta foram sugeridas como estratégias eficazes para reduzir riscos.

Figura 2 - Medidas poderiam tornar o turismo independente feminino mais seguro.



Fonte: Própria, 2025⁸.

De maneira geral, a análise demonstra que a segurança de mulheres em viagens solo depende de uma abordagem integrada, combinando infraestrutura, policiamento, políticas públicas, treinamento de profissionais do turismo e conscientização social.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E/OU TEÓRICAS

Os resultados deste estudo podem fomentar a criação de ambientes que ofereçam não apenas atratividade, mas também condições adequadas para a segurança e o bem-estar de mulheres que viajam sozinhas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do turismo.

⁸ A Figura 2 foi gerada através do website <https://infograph.venngage.com>

Os dados obtidos permitiram identificar os fatores que impactam a sensação de segurança das mulheres durante as viagens, bem como os principais desafios enfrentados por elas na escolha dos destinos e serviços turísticos. A partir dessas informações, é possível avaliar como a segurança pública influencia diretamente a experiência turística e as medidas podem ser adotadas para tornar os destinos mais acolhedores e seguros para as viajantes, especialmente aquelas que optam por viagens solo.

É imprescindível compreender que as iniciativas de segurança devem ser adotadas por meio de parcerias entre órgãos públicos e a iniciativa privada, tendo em vista que o objetivo é proporcionar um ambiente seguro para as mulheres que viajam sozinhas, tanto em áreas públicas quanto privadas.

Neste sentido, vários websites, aplicativos e perfis em redes sociais têm sido criados com o intuito de oferecer informações que atendam às demandas de mulheres que viajam sozinhas, especialmente sobre aspectos de segurança. Alguns exemplos podem ser mencionados, quais sejam: www.elasviajamsozinhas.com.br; www.mulheresqueviajamsozinhas.com.br; www.mulheresviajantes.com; além do aplicativo Sisterwave, que foi premiado na 3ª Competição Global de Startups de Turismo em 2021, na categoria Equidade de Gênero.

Além das iniciativas de empresas privadas, órgãos públicos também somam esforços para promover o turismo sustentável e seguro para o público feminino. Em 2024, o Estado do Paraná, por meio da Secretarias da Mulher, Igualdade Racial e Pessoa Idosa; Secretaria do Turismo e Sebrae, certificou 46 empresas com o Selo Viajantes + Seguras, que reconheceu prestadores de serviços comprometidos com a segurança das mulheres durante as viagens (PARANÁ, 2025). Estas ações podem minimizar os aspectos de insegurança, que foram mencionados neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar a percepção de segurança de mulheres que viajam sozinhas e identificar os fatores relacionados à segurança que influenciam a escolha de destinos turísticos. Para isso, foi adotada uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, por meio de um questionário disponibilizado *online* como principal instrumento de coleta de dados. A pesquisa foi direcionada exclusivamente a mulheres que já viajaram sozinhas, possibilitando um levantamento detalhado sobre os fatores que impactam sua sensação de segurança durante as viagens.

A pesquisa evidenciou que, apesar do crescimento do turismo solo feminino, a segurança ainda é um aspecto determinante para a experiência dessas viajantes. Os dados coletados demonstraram que preocupações como medo de assédio, violência, infraestrutura inadequada e a percepção de risco baseada em notícias e relatos de outras mulheres são fatores que restringem suas escolhas e afetam sua vivência no turismo. Além disso, identificou-se que as barreiras culturais e sociais também exercem um impacto significativo na sensação de segurança, especialmente em regiões onde a desigualdade de gênero é mais acentuada.

Em relação à percepção de segurança em destinos turísticos, observou-se que as mulheres se sentem mais seguras nos meios de hospedagem, enquanto a insegurança está relacionada aos ambientes públicos e utilização de meios de transporte. Quando questionadas se consideram que os destinos turísticos estão preparados para oferecer segurança às mulheres que viajam sozinhas, 67,2% das respondentes afirmaram que depende do destino, enquanto 24,1% consideram que os destinos turísticos não estão preparados para garantir a segurança de quem viaja sozinha. Apenas 8,6% das respondentes indicaram que os destinos estão devidamente estruturados para oferecer um ambiente seguro.

Além destes resultados, o estudo apontou medidas que podem contribuir para um turismo mais seguro e inclusivo especialmente para as mulheres que viajam sozinhas, como policiamento; presença de autoridades e agentes de segurança qualificados; iluminação adequada, especialmente em espaços públicos; iniciativas de acolhimento para as viajantes, como canais de apoio e centrais de atendimento; serviços de emergência e a conscientização de colaboradores de atrativos e meios de hospedagem. Ao garantir a proteção das turistas, os destinos não apenas ampliam sua atratividade, mas também promovem a equidade no acesso a experiências turísticas.

Para pesquisas futuras, seria relevante aprofundar o debate sobre os destinos nacionais. Além disso, foi possível perceber que o tema referente à segurança e turismo solo feminino não é amplamente discutido na literatura, evidenciado pela escassez de artigos e pesquisas voltadas a essa temática. Esse cenário demonstra a necessidade de novos estudos para compreensão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres que viajam sozinhas, contribuindo para a construção de um turismo mais seguro, acessível e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alice. **Desigualdade de gênero: análise histórica e da Lei 11.340/06 como política pública de reconhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ARAÚJO, Natália Maria Guilguer de. **Desigualdade de Gênero: Contexto Atual e Desafios para o Futuro**. Artigo científico, Faculdade de Ciências Aplicadas Unicamp Limeira, 2020.

ASCHER & LYRIC. **Women's Danger Index**, 2019. Disponível em: <https://www.asherfergusson.com/solo-female-travel-safety>. Acesso em: 30/04/2025.

BAPTISTA, Maria Manuel; CARVALHO, Gisele; COSTA, Carlos. Vou Sozinha: **A Viagem Independente como Espaço de Resistência no Feminino**. Anais, XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos, 2018.

BRAGGIO, Laércio Antônio. **Turismo e Segurança Pública**. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

BRÁS, Maria; RODRIGUES, Victor. **Turismo e Crime: Efeitos da Criminalidade na Procura Turística**. Tourism & Management Studies, v. 6, p. 59-68, 2010.

CARVALHO, Bruno Miguel da Silva. **A Segurança como Vetor Decisivo na Escolha do Destino Turístico: O Caso do Algarve**. Dissertação (Mestrado em Direito e Segurança) – Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019.

EVANGELISTA, Geniffer Ludmilla. **A Inserção e Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, 2023.

MARZUKI, A.; LAY, T.; ABDUL, A. **What Women Want: Hotel Characteristics Preferences of Women Travellers**. Strategies for Tourism Industry - Micro and Macro Perspectives, , n. September 2014, p. 143–164, 2012.

MELO, Giulia; SOEIRO, Ítalo. **A Mulher e deslocamento Turístico no mundo Contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo**. Caderno virtual de turismo; v. 20, n. 2, 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016. **Intenção de viajar sozinha cresce 22% no último ano**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/intencao-de-viajar-sozinha-cresce-22-no-ultimo-ano>. Acesso em: 20/01/2025.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016. **Uma em cada sete brasileiras vai viajar sozinha nos próximos meses**. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/uma-em-cada-sete-brasileiras-vai-viajar-sozinha-nos-proximosmeses1>. Acesso em: 20/01/2025.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2025. **Mulheres que viajam sozinhas**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/mulheres-que-viajam-sozinhas>. Acesso em: 31/04/2025.

PARANÁ – Governo do Estado. Agência Estadual de Notícias. **Paraná reconhece 46 empresas comprometidas com a segurança das mulheres no turismo**. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Parana-reconhece-46-empresas-comprometidas-com-seguranca-das-mulheres-noturismo#:~:text=S%C3%A9ries%20Especiais-,Paran%C3%A1%20reconhece%2046%20empresas%20comprometidas%20com%20seguran%C3%A7a%20das%20mulheres%20no,Museu%20Oscar%20Niemeyer%2C%20em%20Curitiba>. Acesso em: 31/04/2024.

SOUZA, Ingrid da Costa. Viagens Femininas: **Compreendendo Causas, Características e Possibilidades para o Turismo**. Relatório de Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SILVA, Isabella K. B. V.. **A prática do Turismo Solo ou em grupos femininos e suas complexidades (monografia)**. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto/MG, 2023, pp. 143.

RIBEIRO, Sara Pinho; ALVES, Kerley dos Santos. **Violência de gênero e turismo: análise do Ministério do Turismo na promoção da segurança das mulheres que viajam sozinhas**. Revista TURyDES, v. 16, n. 35, p. 78-95, 2023.

WILSON, Erica; LITTLE, Donna E.. **The Solo Female Travel Experience: Exploring the Geography of Women's Fear**. Current Issues in Tourism, v. 11, n 2, p. 167-186, 2008.

WORLD POPULATION REVIEW. **The 10 most dangerous countries in the world.** Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/most-dangerous-countries#the-10-most-dangerous-countries-in-the-world>. Acesso em: 30 de abril de 2025.